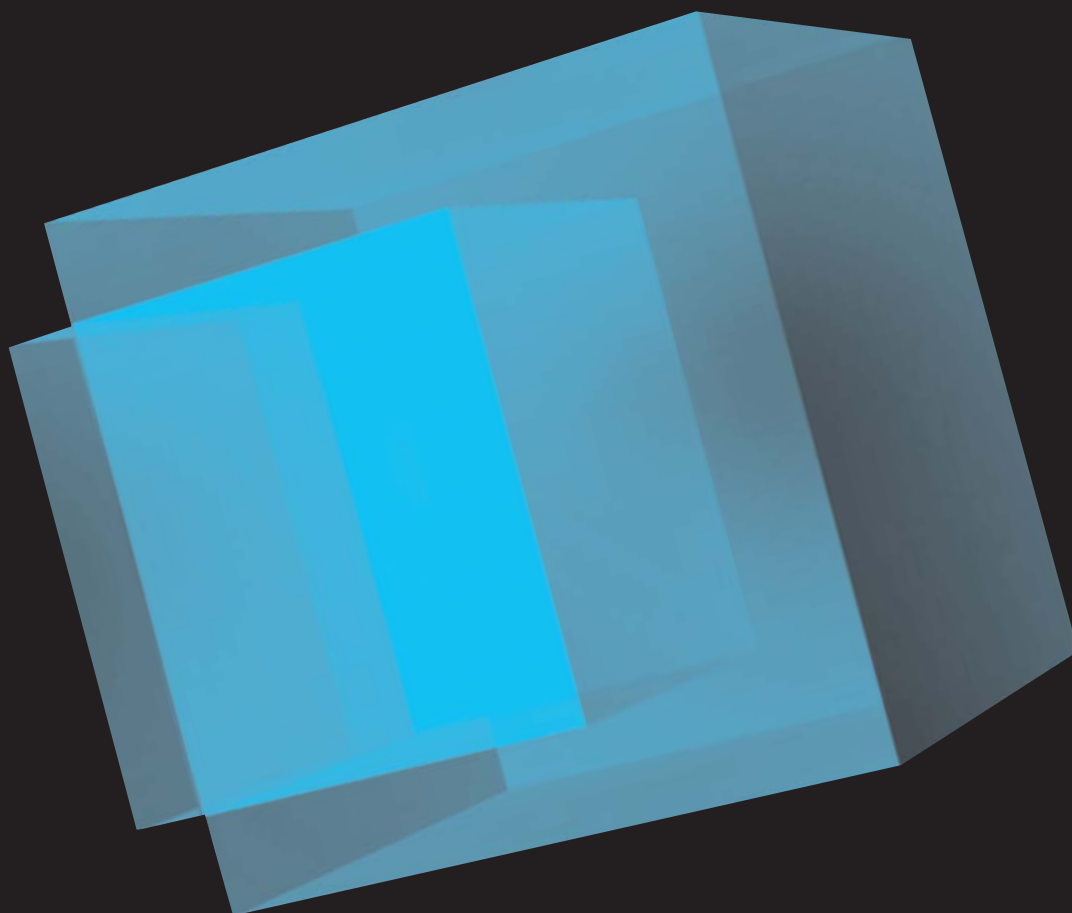


arte telemática

dos intercâmbios pontuais aos
ambientes virtuais multiusuário

gilberto prado



rumos Itaú Cultural
transmídia

apresentação

apresentação - julio plaza

Como síntese de pesquisas teóricas e experimentações artísticas com tecnologias, surge o texto *Arte Telemática*, de Gilberto Prado. O autor reflete sobre as poéticas surgidas do contato com as Novas Tecnologias da Comunicação.

De forma geral, os artistas tecnológicos estão mais interessados nos processos de criação artística e de exploração estética do que na produção de obras acabadas. Eles se interessam pela realização de obras inovadoras e “abertas”, onde a percepção, a recepção e as dimensões temporais e espaciais representam um papel decisivo na maioria das produções da arte com tecnologia.

Nesse processo progressivo da tecnologia é importante frisar que o artista trabalha na contramão da teleologia tecnológica, no sentido em que ele não a homologa enquanto produtora de mimese do real, mas na criação de novos referentes e poéticas.

Para os teóricos da arte-comunicação, a chamada “estética da comunicação” não fabrica objetos nem trabalha sobre formas; ela tematiza o espaço-tempo. A estética da comunicação é uma estética de eventos. O evento subtrai-se da forma e se apresenta como fluxo espaço-temporal ou processo dinâmico do vivo.

Agora, com os processos promovidos pela interatividade tecnológica, na relação homem-máquina, surge a abertura de terceiro grau. À “obra aberta” e à “arte-participação” sucedem as artes interativas, só que, desta vez, há a inclusão do dado novo: a questão das interfaces técnicas. Essa abertura coloca a intervenção da máquina como novo e decisivo agente de instauração e transformação estética próprio das imagens digitais em redes.

O conceito de “arte interativa” expande-se no começo dos anos 80 com a aparição das tecnologias ligadas ao cabo telefônico, que se tornam o suporte de eventos relacionados ao videotexto, fax, slow scan e outros meios.

Como observara F. Popper: “A interação é considerada um fenômeno internacional e transnacional, acarretando numerosas formas de engajamento cultural capazes de edificar redes de relações humanas desprovidas de discriminação. A interatividade suscitada pelo artista permite uma comunicação criadora fundada em atitudes construtivas, críticas e inovadoras. Autorizando novos tipos de interações sociais, a arte tecnológica pode igualmente se orgulhar de refletir as transformações que afetam nosso tecido social, com todas suas contradições”.

As noções de interação, interatividade e multissensorialidade intersectam-se e retroalimentam as relações entre arte e tecnologia. A exploração artística desses dados perceptuais, cognitivos e interativos está começando. A arte das

telecomunicações, a telepresença em mundos virtuais partilhados, a criação compartilhada, a arte em rede (herdeira da *mail art*) problematizam os câmbios socioculturais relacionados com o processo tecnológico.

Para os artistas da comunicação, a transmissão cultural desmaterializada provoca a emergência de uma criatividade e inteligência coletivas e a exploração de novos espaços-tempos, uma “dilatação e densificação” dos potenciais imaginários e sensíveis.

A multissensorialidade trazida pelas tecnologias é caracterizada pelo uso de múltiplos meios, códigos e linguagens (hipermídia), que colocam problemas e novas realidades de ordem perceptiva na relação virtual/atual.

Os conceitos de “artista”, “autor” e “poética”, a desmaterialidade da obra de arte, a recepção, as artes de reprodução e mesmo o conceito de reprodutibilidade encontram-se, atualmente, revolucionados. Estes fatos colocam os novos problemas estéticos e filosóficos “ultramodernos” acentuados pela transformação do mundo material, pelos meios de massas e filtrados pelas tecnologias onde a matéria se torna invisível, impalpável, reduzida às ondas telemáticas.

Cabe destacar as poéticas construídas em redes, como a criação compartilhada, concebidas pioneiramente por Gilberto Prado e Karen O'Rourke em colaboração com o grupo Art-Réseaux de Paris no início dos 90.

Entendem os artistas da arte-comunicação que os sentidos da obra artístico-telemática são produzidos durante o curso de um processo dialógico, lançado pelos autores, atores co-autores (ou colaboradores) como “agentes inteligentes” da obra. Nas artes da interatividade, portanto, o destinatário potencial torna-se co-autor e as obras tornam-se um campo aberto a múltiplas possibilidades e susceptíveis de desenvolvimentos imprevistos numa co-produção de sentidos.

Isto parece coincidir com o conceito de Gilberto Prado: “As regras dos projetos de ação artística em rede permitem e solicitam a atuação de parceiros. (...) o que existe são interações de sentidos, (...) o artista se torna um tipo de poeta da conexão, onde cada participante se torna um (co-)produtor. (...) trata-se de uma estrutura de participação coletiva em transformação, uma *cibercollage*. (...) Que o ‘desvio’ artístico ajude a trazer a liberdade da diferença e da escolha através do despertar/evidenciar aquilo que temos em comum e o que temos de diferente”.

Julio Plaza
São Paulo 2003